

A resistível ascensão do Front National na França¹

Denis Collin

O Congresso do Front National que ocorreu entre os dias 29 e 30 de novembro veio a confirmar a influência usurpadora da PME² Le Pen sobre o movimento. Mas as manobras que ocorrem no cerne deste aparelho, uma represa onde se agitam numerosos crocodilos, não devem nos afetar a visão. O Front National não passa de um aparelho político. O aumento de sua potência (ao menos aparente) é revelador de toda a situação atual da política francesa. É por isso que é preciso oferecer uma análise do FN, das contradições sobre as quais ela constrói sua muito paradoxal influência, mas também para identificar os meios de combate a essa resistível ascensão.

Em 21 de junho de 1973, o agrupamento *Ordre Nouveau* (movimento de extrema direita neofascista), que compôs o Front National, realiza uma grande reunião na *Maison de la Mutualité*³ sobre o tema “Interrompam a imigração selvagem”. O Serviço de Autodefesa da *Ligue Communiste*, ancestral distante do atual *Nouveau Parti Anticapitalistas*, ataca a esse meeting para “construir uma barreira ao fascismo”. Uma semana depois, o governo dissolve conjuntamente a **Liga Comunista** e o **Ordre Nouveau**. Criado em 1972, à iniciativa notadamente do agrupamento *Ordre Nouveau*, o *Front National* presidido por Jean-Marie Le Pen irá, a partir de então, organizar toda a galáxia da extrema direita francesa. Nostálgicos de Vichy, antigos “doriotistas” (adeptos do pró-nazista Jacques Doriot), antigos membros da LVF (Legião Nacional de Voluntários Francesa), sobreviventes da dominação da França na Argélia e da OAS (Organização Armada Secreta – movimento terrorista de combate à independência da Argélia), neonazistas e neofascistas de todos os tipos, católicos integristas (correntes tradicionais) e “pagãos nova direita”: eles se juntaram todos e estão todos no Front National, mas não representam nada, ou muito pouco. Nas eleições legislativas de março de 1973, a extrema-direita obtém 0,52% dos votos. Na presidencial de 1974, Jean-Marie Le Pen atinge sofrivelmente os 0,75%. Nas legislativas de 1978, o FN tem 0,19%. Na presidencial de 1981, Le Pen não pôde concorrer por não ter obtido as 500 assinaturas patrocinadoras necessárias (não tinha mais do que 320) e na eleição legislativa seguinte, a extrema direita com todas as categorias juntas culminam em 0,36%. Nas eleições cantonais (que elegem os conselheiros que se sentam às assembleias gerais dos departamentos franceses⁴) de 1982, a FN ultrapassa os 10% dos sufrágios em certos cantões⁵, primeiro

¹ Tradução de Jamile Gonçalves.

² Literalmente, em francês, PME quer dizer ‘Pequena-Média Empresa’. Nesse contexto, a expressão alude à relação familiar Jean-Marie Le Pen na constituição do partido.

³ A *Maison de la Mutualité* foi inaugurada em 1931 pelo presidente Paul Doumer, destinada a eventos culturais, como um grande teatro. Passou a ser utilizada como local de encontros da esquerda francesa, e de outros grupos políticos.

⁴ Os departamentos são divisões administrativas do território nacional francês, análogos aos estados federativos.

⁵ Divisão territorial que designa a circunscrição eleitoral dos conselhos gerais

avanco e que foi confirmado nas municipais de 1983... Nas eleições europeias de 1984, Le Pen atinge 10,84%. Desde então a escalada em potencial da FN não vai parar de se afirmar.

Em 1983, não se ataca mais as reuniões de extrema-direita a golpes de barra de ferro. Pequenas mãos, bons sentimentos e show-biz, sob a égide do SOS-Racisme (associação de combate ao racismo), "Não toque no meu garoto"⁶: eis como se apresenta o novo movimento antifascista. Do mesmo modo que o antifascismo vigoroso da antiga Ligue Communiste⁷, este do SOS-Racisme não conseguiu fazer recuar "a besta imunda"⁸. Em 2002, Le Pen ultrapassa Jospin (que ocupara o cargo de primeiro-ministro da França pelo Partido Socialista Francês, entre 1997 e 2002) e afronta Jacques Chirac (presidente de 1995 a 2007 pelo partido de centro-direita, a UMP, Union Pour un Mouvement Populaire) no segundo turno das presidenciais. "F de fascismo, N de nazismo", gritam os manifestantes de esquerda, ainda mais violentos verbalmente contra o líder do FN vez que eles estão prestes a votar em Jacques Chirac!

Em 2011, a eleição de Marine Le Pen à direção do Front National modifica a situação e torna plausível o acesso do FN às mais altas responsabilidades. Com 17,9% dos votos no primeiro turno das presidenciais de 2012, Marine Le Pen melhora o resultado de 2002 obtido por seu pai. Em 2014, nas eleições europeias a FN se torna 'o primeiro partido da França' ultrapassando o partido **Union pour un Mouvement Populaire** e deixando o Partido Socialista bem para trás. Mas é sobretudo a fisionomia da FN que vem se transformando progressivamente. Marine Le Pen alega defender a laicidade, a república e o 'modelo social' francês. Sobre questões essenciais ela se contrapõe a teses sustentadas pelo seu pai. A operação para jogar por terra a imagem "demonizada" do FN parece funcionar. O partido 'azul marinho' finca raízes por todo o território, nas prefeituras, e faz sua entrada ao Senado. A "frente republicana" promovida pelos socialistas para conter O Front National não teve sucesso. Em muitos casos os eleitores do Parti Socialiste se recusam a seguir as recomendações dos dirigentes socialistas que, desde sua sede na rua Solferino, incitam a votar na direita com o objetivo estrito de "fazer uma barreira" ao FN. Ademais, percebe-se uma numerosa transferência de votos do PS para o FN. O mapa de implantação desse partido recorta agora muito amplamente as regiões da França desindustrializada do Norte e do Leste. Tudo se passa como se O Front National substituísse o Partido Comunista Francês, em pleno declínio.

A chegada ao poder do Front National seria uma catástrofe para a república. Mas as injúrias, as caracterizações precipitadas, a retórica do antifascismo arque utilizadas são impotentes para conter o avanço desse novo "marine-lepenismo".

'Nem rir, nem chorar, entender', disse Spinoza. Para se opor à resistível ascensão do FN de Marine Le Pen, é necessário ter ideias claras sobre a natureza deste movimento e as

⁶ Touche pas à mon pote – slogan do Associação SOS - Racisme

⁷ Organização que passou a integrar o Partido Anticapitalista, que se transformou posteriormente no Novo Partido Anticapitalista

⁸ La bête immonde, termo que designa o nazismo, o fascismo, o racismo e o antisemitismo. Primeiramente usado por Bertold Brecht em *A resistível ascensão de Arturo Ui*. (Bertold Brecht: « La Résistible Ascension d'Arturo Ui » (trad. Armand Jacob) (1941), dans *Théâtre complet*, vol. 5, Bertolt Brecht, éd. L'Arche, 1976).

causas de sua ascensão. E primeiramente não se enganar de alvo. Régis Debray, muito justamente, se perguntava como a esquerda pôde deixar cair sua bandeira, recuperada por Marine Le Pen: laicidade, soberania popular, república, defesa dos trabalhadores e de seus direitos.

Clarificar nossas ideias, e para tanto a demanda é que se faça uma análise precisa do corpus ideológico da FN atual, que deixemos de empregar rótulos mais ofuscantes que qualquer outra coisa como “fascismo”, “populismo”, “nacionalismo”, etc. É preciso em seguida, por um método comparativo, definir muito exatamente o que é o FN do ponto de vista da história política e econômica. Enfim, é necessário examinar a “matéria” de que é feito o FN, ou seja saber quem são os homens e mulheres que lhe fazem adesão hoje em dia, quem são esses novos eleitos que vêm de todos os horizontes políticos, da direita clássica certamente, mas também da esquerda soberanista⁹ ou ainda dos movimentos revolucionários ou do sindicalismo operários dos mais autênticos (CGT-Confederação Geral dos Trabalhadores ou CGT-FO-Força Operária).

Ao mesmo tempo, podemos desenhar um programa alternativo estéril. Se o FN progride, não é porque os espíritos estejam “lepenizados”, mas porque desenvolve sua ação sobre terrenos reais onde se joga o futuro do povo e principalmente dos trabalhadores e dos jovens. Que se trate da Europa, do euro, da abertura das fronteiras ao mercado de capitais ou dos estragos realizados pela ideologia liberal-libertária, são questões negligenciadas tanto pela direita liberal quanto pela esquerda liberal, essas duas faces da mesma medalha, esses dois partidos intercambiáveis que ocupam o centro e abandonam a “França Periférica” (ver o livro de Christophe Guilluy) à sua triste sorte. Mas essa França periférica não vai se deixar morrer sem nada dizer. Os relatórios das prefeituras demonstram a possibilidade de verdadeiras “jacqueries”¹⁰, como a revolta dos “gorros vermelhos” bretões, olhadas com desprezo por todas as “pessoas bem postas” e inclusive pelo Front de Gauche (Frente de Esquerda). Se nenhum setor sério do capital apoia o FN – e esta é uma diferença muito importante em relação aos anos 30 – a FN poderia capitalizar esses movimentos para derrubar os princípios republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade. Ao contrário, se homens e mulheres de todas as origens políticas chegassem a elevar a bandeira da República, a reatar o fio do Programa do Conselho Nacional da Resistência¹¹ e a fazer renascer a República, a retórica marine-lepenista seria desfeita de uma só vez e o FN apareceria no grande dia como aquilo que ele é de verdade, um dos partidos do “sistema” que finge denunciar.

Uma corrida de velocidade se acha em curso, portanto. Nessa corrida os “chorões” do “antifascismo”, os esquerdistas que ainda chegam atrasados de duas guerras e três revoluções não passam de obstáculos ao progresso da consciência política e marionetes do

⁹ Da doutrina ‘souverainiste’, doutrina que defende a independência política de uma nação ou região.

¹⁰ A revolta dos Jacques aconteceu durante a Guerra dos Cem anos, e passou a designar rebeliões camponesas.

¹¹ Alusão ao movimento de resistência anti-nazista na França, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial

marine-lepenismo. A aliança UMP – PS, além de não ser capaz de conter o FN, ainda o nutre a cada dia facilitando o trabalho do FN – do mesmo modo como a política de Mitterrand com sua ambiguidade consumada na época da ascensão de Jean-Marie Le Pen, nos anos 1980. Todo mundo sabe que o estado de coisas atual não pode durar. Marine Le Pen entendeu isto ao propor uma pseudo-ruptura que na realidade não faria mais do que preservar as relações de dominação. Ora, é uma verdadeira ruptura política, não apenas com o circo midiático que engendram esse circo midiático, mas também com as relações de produção que alimentam tal circo e que se acha na ordem do dia: uma verdadeira república social, protegendo a liberdade e os direitos sociais de todos. Esta é a saída que vislumbramos.

É preciso aprender a ver, muito mais do que ficar de olhos arregalados. Por que não achem no lugar de jogar palavras ao vento. Eis o que teria por pouco dominado o mundo! Os povos tiveram razão, mas não se deve cantar vitória, ainda é muito cedo: o ventre se acha ainda fecundo do esterco de onde pode surgir novamente a besta-fera.